

Arte do Estuque

1

O Tempo dos Mestres

Antero Leite | A.C.E.R. – Associação Cultural e de Estudos Regionais

João Grossi (1715-1780) e a Aula de Desenho e Estuque

Cirilo Volkmar Machado, nas suas Memórias publicadas em 1823, refere que em Portugal, tinha-se usado pouco o estuque até o tempo do terramoto. *Na quinta chamada dos bichos havia, dizem, huma casinha de estuque feita no século 17. Do mesmo tempo era a pequena Capella no Convento da Esperança com belíssimos ornatos, e baixos relevos. No tempo do Architecto Larre estiverão aqui Salla, e Bill que fizeram alguns estuques no seu palácio chamado vulgarmente do Provedor; fazião ornato e figura. Depois veio o Plura que estucou huma casa na torre da pólvora, e huma Ermida ao pé da Sé. Francisco Gommassa, mero ornatista também trabalhou em casa do Provedor, e fez a fachada da Ermida dos Soldados em Alcantara* (Machado, 1922, p. 215).

Em Lisboa e na segunda metade do século XVIII, operaram-se duas correntes de decoração: a influenciada pelo gosto da regência francesa e a de sugestão italiana, conotada com o *barocchetto* (Mendonça, 2009, p. 173). Como exemplo da actuação destas modas, Isabel Mayer Mendonça destaca o caso do Palácio Cabral, à calçada do Combro (idem, *ibidem*, n.º 41).

Entre os italianos, um deles é particularmente citado: Giovanni Grossi.

De acordo com Cirilo Volkmar Machado, o Marquês de Pombal confiou-lhe a decoração das suas casas da rua Formosa e das Janelas Verdes (idem, *ibidem*, p. 215). Cirilo atribuiu-lhe ainda a execução do tecto da igreja dos Mártires, em Lisboa, *ajudado pelo Plura e pelo Gommassa usando de fôrmas para florões* (idem, *ibidem*, p. 215) processo que,

segundo Florido de Vasconcelos, *teria sido Grossi o primeiro a empregar* (Vasconcelos, 1966, p. 42). Grossi estucou depois as casas do Machadinho, e nessa ocasião veio trabalhar Pedro Chantoforo, e também Agostinho de Guadri, parente de Grossi, e seu patrício. *Tinha elle viajado na Alemanha, Prússia e Hollanda, e trouxe o methodo de trabalhar o estuque em fresco e lustrallo, misturando-lhe a cola* (Machado, 1922, p. 159).

Guadri teria também executado o tecto da nave da Igreja do Convento dos Paulistas, hoje paroquial de Santa Catarina com contribuições do pintor Toscanelli (idem, *ibidem*, p. 216).

Os trabalhos de Grossi suscitaram o interesse do embaixador de Espanha que o quis contratar para trabalhar em Madrid no 'Palácio novo' mas, e segundo Cirilo, o Marquês de Pombal reteve-o, nomeando-o director, com o ordena-



2

1 | Palácio Pombal ou dos Carvalhos – Rua Formosa. Lisboa (atribuído a João Grossi).
© Carlos Firmino, <http://olharescruzados.blogs.sapo.pt/14384.html>

2 | Igreja de Santa Catarina (Lisboa).
© F. Falcão

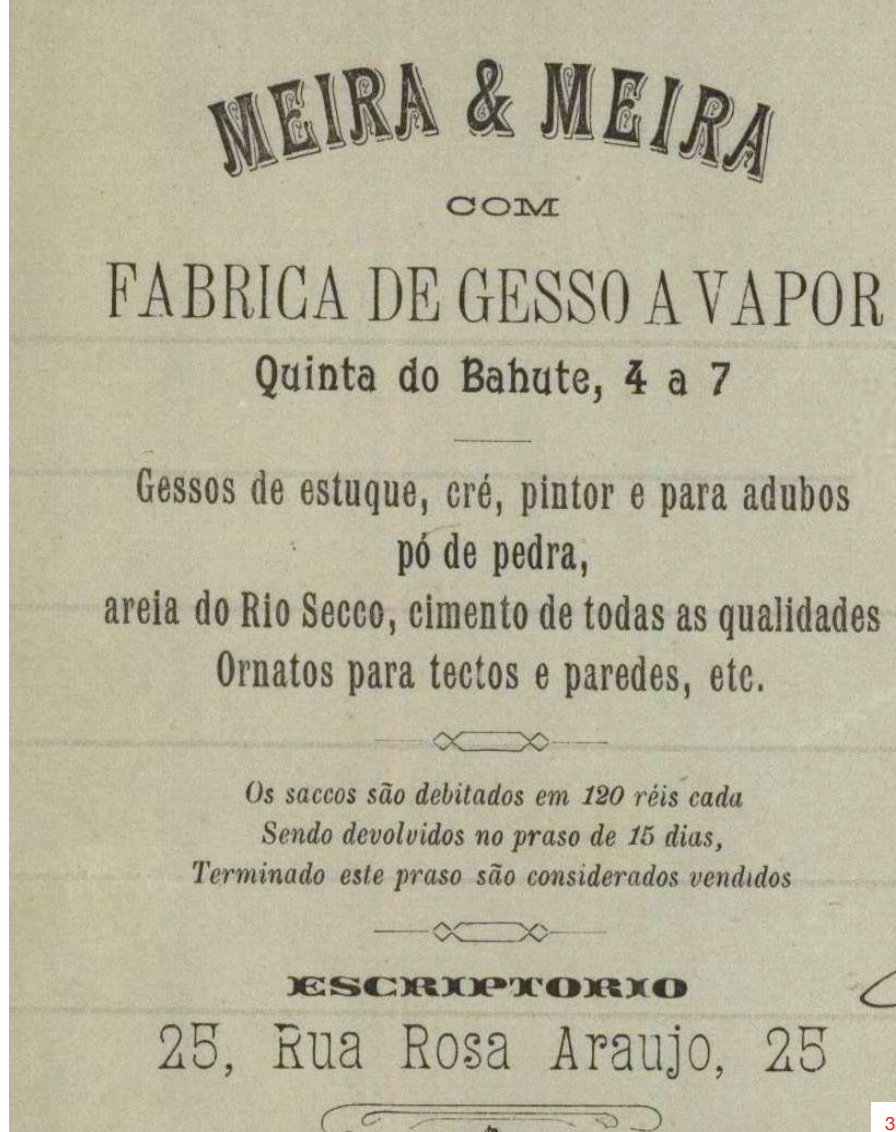
do de 600\$000 réis, da *Aula de Desenho e Estuque* (idem, *ibidem*, p. 216) criada em 1764 e adstrita à *Real Fábrica das Sedas*, destinada a formar *um competente numero de Artífices Nacionaes, habeis para as ditas Obras com utilidade pública de reedificação da Cidade de Lisboa* (Mendonça, 2009, p. 179, n.º 56).

Em 23 de Dezembro de 1771 é publicado um Alvará ordenando que *nenhum artífice do género pudesse ser encarregado de obras sem ter aprendido na Aula de Estuque e proibindo aos pedreiros, carpinteiros e moldureiros, tomar conta de obra de estuque sem ser examinado ou ensinados na Inspeção da Real Fábrica das Sedas* (Sequeira, 1933 p. 228).

João Grossi implementou uma formação de rigor pois só ao fim de cinco anos e após exame era concedido aos aprendizes a *carta de oficial* (Mendonça, 2007, p. 180). Inicialmente funcio-

nou com 15 discípulos (Sequeira, 1933, p. 228). Segundo pesquisa de Isabel Mayer Mendonça, no *Fundo da Real Fábrica das Sedas* (Arquivo Nacional da Torre do Tombo – ANTT) há registo de que receberam carta de mestre em 18 de Junho de 1773: Manuel Francisco dos Santos, Paulo Botelho da Silva, José Francisco da Costa, Manuel José de Oliveira. No mesmo ano foram entregues ‘*cartas de oficiais*’ a Francisco Solano, António Carlos de Almeida, António Bernardino da Fonseca e Teodósio Ferreira. A mesma habilitação foi concedida, em 1774, a Francisco Inácio Xavier e Júlio Vicente Gonella, em 1777 a José Joaquim Xavier, Leonardo Caetano de Passos e António José Vieira (Mendonça, 2007, p. 180, n.º 60).

A *Aula de Desenho e Estuque* revelou exercer uma pedagogia inovadora na preparação técnica, devido à criação de espaços de aprendizagem formal fora do posto de trabalho (Silva,



3 | © ANTT, Ministério das Obras Públicas Comércio e Indústria [MOPCI], Direcção dos Edifícios Públicos e Fornecimento de Materiais [DEPFM].

2007, p. 45-54). Isabel Mayer Mendonça sustenta a hipótese de Grossi ter trabalhado provavelmente acolitado pelos seus alunos em várias obras públicas estando documentada a sua presença em 1768 e 1779 na capela de S. Roque, no Arsenal da Marinha e na casa grande da Audiência do Ouvidor da Alfândega (Mendonça, 2007, p. 180).

Avelino Meira cita o caso dos *homens de Afife* que emigravam para Lisboa, em navios saídos de Viana do Castelo e para o Porto a pé, onde trabalhavam pelo ofício de caiadores, a rebocar paredes; foram eles os primeiros ajudantes dos estucadores italianos e com estes aprenderam a nova arte, chegando mais tarde, os estucadores de Afife, a ultrapassar os seus mestres italianos, como se prova pelos trabalhos dessa época, existentes em Lisboa, Porto, Coimbra e noutras cidades, e até nos solares e igrejas das aldeias do país (Meira, 2004, p. 107).

Domingos da Silva Meira (1840-1928)

Um dos primeiros estucadores a revelar-se em Lisboa foi José Moreira, o Francês que

fez trabalhos no Palácio do Conde de Monte Cristo, hoje Palácio Burnay à Junqueira, em Lisboa, nos meados do século XIX. Teve como ajudante António de Amorim, um bom modelador de estuques (...) um dos melhores artistas do género (idem, *ibidem*, p. 108).

De Carreço era natural Manuel Joaquim Rodrigues Pita que, em Lisboa, veio a liderar a mais importante oficina do século XIX (Bento, 2008, p. 16). Gabriel Pereira atribuiu-lhe os tectos do palácio do Marquês de Viana (1846) ao Rato, e entre 1858 e 1886 ornamentou o salão de baile do palácio da Junqueira, actual palácio Burnay, e dois salões do palácio Costa Lobo, no campo de Santana (Pereira, 1905). Deixou trabalhos de grande fôlego nos palácios de José Maria Eugénio d'Almeida, a S. Sebastião da Pedreira, Gandarinha que tem magníficas escaiolas na galeria, e no do Marquês de Penafiel (idem, *ibidem*).

Da Casa da Catorra proveio também Manuel Joaquim Enes e João Bandeira, falecido em 1886, da Casa das Brisas, que fez, juntamente com Rodrigues Pita, de Carreço, as decorações dos tectos da Câmara Municipal de Lisboa, onde mostrou que era artista de valor.

4 | Palácio de Monserrate: galeria central, corredor⁹. © Antero Leite

5 | Owen Jones, The Grammar of ornaments. Reprodução de parte da lâmina XXXIII.

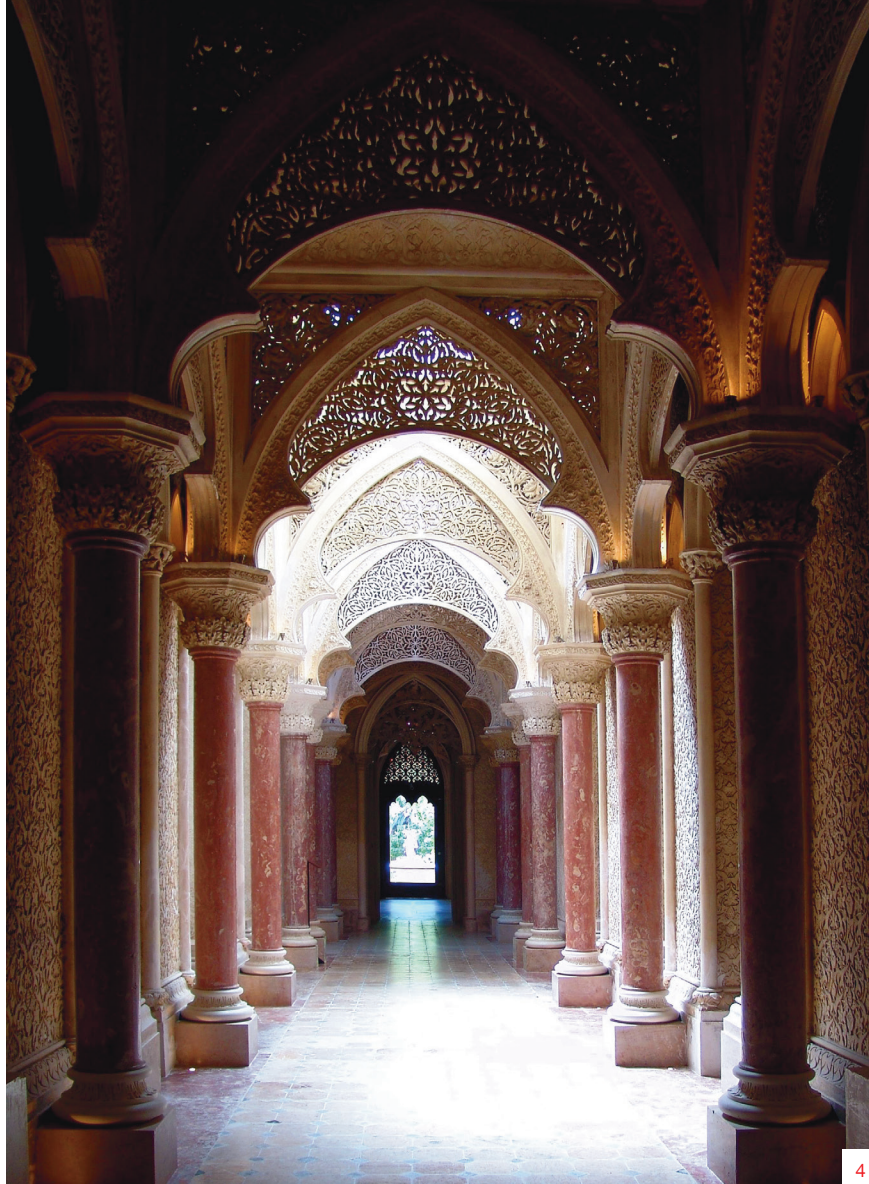
6 | Palácio de Monserrate – galeria longitudinal⁹ (atribuído a Domingos Meira). © Antero Leite

Mais tarde, ficou como mestre das obras da referida Câmara, onde era muito considerado (Meira, 2004, p. 112).

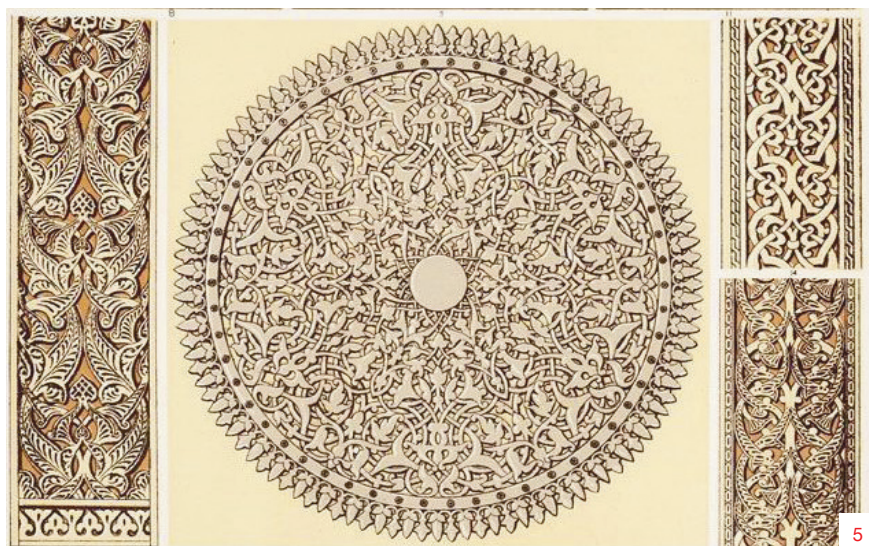
Contudo, dois Meiras destacam-se entre os mestres estucadores afifenses: Domingos Meira e Luís Vitorino Pinto Meira, ambos oriundos de Afife mas de famílias diferentes. Domingos António de Azevedo da Silva Meira nasceu no lugar de Pedreira (Santa Cristina de Afife), a 15 de Outubro de 1840, sendo os seus pais Manuel António Meira e Maria Rosa Domingues da Silva (Arquivo Distrital de Viana do Castelo, *Fundo Paroquial de Afife*, 1815-1860).

Depois dos primeiros estudos em Viana do Castelo e já com 14 anos de idade dirige-se para Lisboa onde é admitido como aprendiz por Manuel Afonso Rodrigues Pita, natural de Carreço. Cedo se revelou como artista pois, ainda com aquela idade, *desenhava e modelava com tal habilidade, que o arquitecto Manuel da Fonseca fê-lo inscrever como aluno na Academia de Belas Artes* (Meira, 2004: 110).

Após a morte de Rodrigues Pita, sucedeu-lhe na direcção da oficina e uma das suas primeiras obras ocorreu no Palácio da Pena, em Sintra, contratado pelo Rei Fernando II para a ornamentação do grande salão e outras dependências, auxiliado por estucadores de Afife (idem, *ibidem*). Por esta altura esteve também a trabalhar no Palácio de Monserrate (Coutinho, 2007, p. 142) e no Chalet da Condessa d'Edla. Em 1894-95, Domingos António da Silva Meira e outro Meira, que se pressupõe ser um seu primo, Francisco Enes Meira¹, tinham escritório na Rua Rosa Araújo 25 e oficina no n.º 334 da Rua do Salitre ao Rato, como consta do recibo relativo aos trabalhos de estuque realizados no palacete do capitalista Conde Burnay no valor de cento e onze mil réis como última prestação e saldo da empreitada de quatrocentos e onze mil réis relativa aos trabalhos de estuque que o Mestre havia feito no 1.º pavimento do palácio do Conde sito à rua de Santo Antão (ANTT – AB, cx. 29, 85).



4



5



6

7 | *Chalet da Condessa d'Edla (Sintra)*⁷ – salão (Domingos Meira). © Antero Leite

8 | *Casa do Concheiro (Afife)*⁸ – tecto de folhas de plátano (Domingos Meira). © Antero Leite

9 | *Palácio de Estói (Faro)* – tecto de folhas de hera (Domingos Meira). © Vítor Vieira (A.C.E.R.)

10 | *Fotografia publicada no Diário Ilustrado de 11 de Dezembro de 1894*⁹.

Vieram a possuir uma fábrica de gesso a vapor na Quinta do Bahute, 4 a 7, próximo ao Cemitério Ocidental de Lisboa (freguesia de Prazeres), como se pode ler numa proposta de fornecimento, assinada por Domingos Meira, enviada em 28 de Outubro de 1897 ao Director dos Edifícios Públicos e Fornecimento de Materiais informando-o haver *montado dois fornos para suprir a sua Indústria de matérias primas de primeira qualidade em que o gesso era melhor do que o do mercado; não há superior em outros Países* (ANTT, MOPCI, DEPFM).

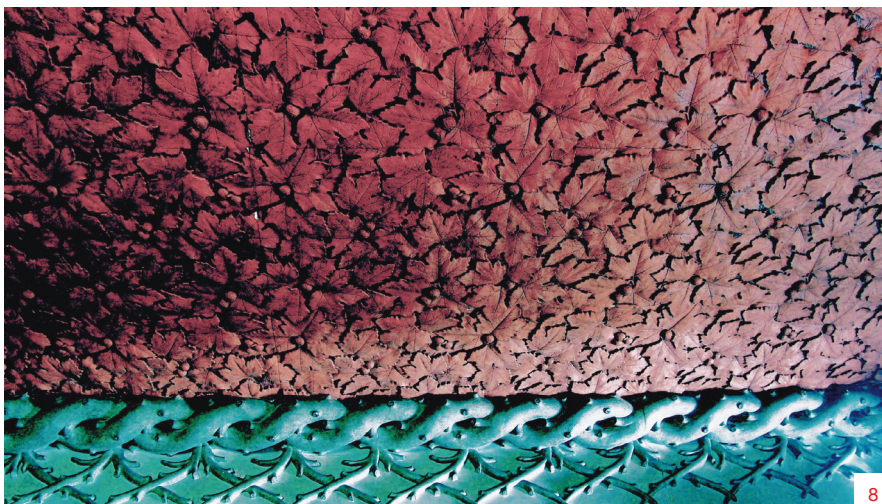
Do complexo da Quinta de Bahute teria saído muita da cal, gesso e areia para a feitura do estuque com que Domingos Meira e estuqueadores de Afife decoraram, a partir da data do início da laboração dos dois fornos, os interiores de palácios e palacetes de Lisboa.

Uma listagem publicada no *Diário Ilustrado*, de 11 de Dezembro de 1894, refere cerca de meia centena de trabalhos realizados pela oficina de Domingos Meira²; lista que está incompleta pois o Mestre ainda executou projectos ornamentais até se retirar para a sua Casa do Concheiro, em Afife, onde faleceu a 24 de Junho de 1928 (Puga, 2013: 325). Tinha 88 anos, quase inteiramente dedicados à decoração em estuque. Uma das suas últimas obras ocorreu entre 1907 e 1918 no Palácio Sotto Mayor, na Figueira da Foz (Meira, *ibidem*, p. 111).

A obra de Domingos Meira reflecte a linguagem do ecletismo, mas também muito da sua criatividade. No Palácio da Pena correspondeu ao gosto de D. Fernando II com as alusões revivalistas do neo-mourisco para cuja execução muito contribuiu a influência obtida durante as viagens que empreendeu à Alhambra [em Granada] e Norte de África, influência que também se verificou no Palácio de Monserrate.



7



8



9

Glória Coutinho considera que na Galeria longitudinal se aplicou o *modelo divulgado pelos estudos de Owen Jones*, acrescentando: *Se D. Fernando agraciou Domingos Meira por ter trazido padrões de Alhambra para a Pena, foi no entanto em Monserrate que se aplicou um dos seus motivos mais significativos* (Coutinho, 2007, p. 142)

No roteiro *Parque e Palácio de Monserrate*, José Sande de Freitas afirma que os estuques foram executados por artesãos de Afife, sendo um dos padrões escolhidos semelhantes a um dos existentes na Alhambra de Granada, onde um destes artesãos, Domingos Meira, tinha estado a expensas do Rei D. Fernando II (Freitas, 2010, p. 33).

Esse padrão está incluído no livro de Owen Jones *The Grammar of Ornaments*, cuja primeira edição data de 1856. Dois anos depois, o arquitecto James Thomas Knowles apresenta a Francis Cook, novo proprietário do palácio de Monserrate, o projecto de reformulação da casa-castelo construída na década de 90 do século XVIII, por Gerard De Visme (Coutinho, *op. cit.*, p. 94). Knowles procurou dar uma atmosfera orientalizante ao interior do edifício acompanhando a gramática da arquitectura exterior, como Pugin recomendava.

A galeria longitudinal com o seu corredor é a peça mais impressiva, que nenhum visitante esquecerá, na opinião de Glória Azevedo Coutinho (*idem, ibidem*), deslumbrado pela sucessão de aberturas sugerindo arcos túmidos⁴ que encerram tímpanos vasados com grilhagem de ornatos, a que se juntam os painéis das paredes, autênticos tapetes de padrão inspirado na decoração granadina.

O arquitecto Knowles encontrou em Domingos Meira um bom intérprete dessa linguagem ornamental que havia conhecido na origem. O livro de Owen Jones apenas facilitou a escolha.

No Chalet da Condessa d'Edla, Domingos Meira revelou-se menos dependente do gosto dominante e inovou.

A decoração do tecto do salão lembra os que o mestre estucador executou na sua Casa do Concheiro (Afife) e no Palácio de Estói (Faro), ambos inovadores e de ruptura com os neo

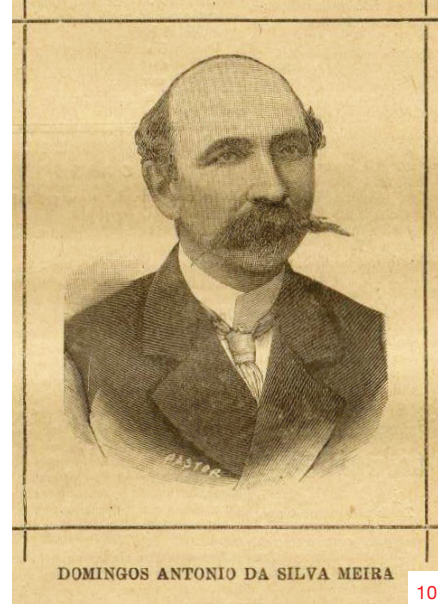
Luís XV e Luís XVI, então predominantes, ao projectar um modelo naturalista com os troncos da sanca entremeados de ramagem de heras e que depois descem pelos cantos da sala.

O labor de Domingos António da Silva Meira foi recompensado pela atribuição do título de *Cavaleiro da Ordem de Cristo* que lhe foi concedido a 27 de Julho de 1895, pelo rei D. Carlos I (ANTT-CCOMC). Recebeu diversos prémios, não só em Portugal como em França (Exposição de Paris, 1900), nos Estados Unidos (Chicago, 1904) e no Brasil (Rio de Janeiro, 1908).

Na *Exposição do Rio de Janeiro [1908] obteve uma das mais altas distinções atribuídas a imitações de «escariola» ou sejam «mármore artificiais» tendo como colaboradores e continuadores, entre outros, Francisco Enes Meira e António Afonso da Silva, também de Afife* (Meira, *op. cit.*, p. 111-112) ■

NOTAS

1. Francisco Enes Meira trabalhou em Lisboa com Domingos Meira, segundo escreve Avelino Ramos Meira na monografia *Afife*, p. 112.
2. Ao sr. eng.º Abílio Oliveira da Empresa *Estuques Decorativos – A. Enes Moraes, Lda. (Queluz)* exprimimos a nossa gratidão por nos ter enviado um exemplar do jornal *O Diário Ilustrado* de 11 de Dezembro de 1894, publicando um artigo de João de Mendonça contendo a listagem das obras até então realizadas por Domingos Meira.
3. Imagem obtida com autorização de *Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A.*, e registada durante a nossa visita com orientação da sr.ª arq.ª Luísa Cortesão, a quem exprimimos o nosso agradecimento.
4. Arcos em ferradura apontados, utilizados na arquitectura árabe, como, por exemplo, na Mesquita (hoje Catedral de Córdoba).
5. Imagem obtida com autorização de *Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A.*, e registada durante a nossa visita com orientação da sr.ª arq.ª Luísa Cortesão, a quem exprimimos o nosso agradecimento.
6. Imagem registada durante a nossa visita a 25 de Junho de 2011 à Casa do Concheiro, autorizada e orientada pela sua proprietária, sr.ª dr.ª Manuela Arezes, a quem agradecemos.
7. Imagem obtida durante a nossa visita ao Chalet da Condessa d'Edla por deferência do sr. arq.º José Lobo de Carvalho, de *Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A.*, que nos acompanhou e a quem exprimimos o nosso agradecimento.
8. Fotografia inserida no artigo de João de Mendonça sobre Domingos Meira, publicado no jornal *O Diário Ilustrado*, de 11 de Dezembro de 1894, cuja cópia nos foi amavelmente enviada pelo sr. eng.º Abílio Oliveira da Empresa *Estuques Decorativos – A. Enes Moraes, Lda. (Queluz)*.



DOMINGOS ANTONIO DA SILVA MEIRA

10

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

- ADVCT – Fundo Paróquia de Afife – baptismos. Livro 4.º (1815-1860), fls. 102, cota 3.18.2.30.
- AN/TT – Arquivo Burnay, Correspondência, cx. 29, n.º 85 – Documento de despesa de obras no palácio da rua de Santo Antão; PT-TT-HB-1-9-05. m005.
- AN/TT – Ministério das Obras Públicas – Proposta de fornecimento de gesso da firma Meira. PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/2028.

ESTUDOS E BIBLIOGRAFIA

- Bento, Paulo – *Dos caiadores aos estucadores e maquetistas vilarmourenses*. Ed. GEPPAV. Cadernos do Património Vilarmourense, II, Vilar de Mouros, 2008.
- Coutinho, Glória Azevedo – *Monserrate*. Uma nova História, Ed. Livros Horizonte, Lisboa, 2007.
- Freitas, João Sande de – *Parque e Palácio de Monserrate*. Ed. Parques de Sintra- Monte da Lua, 2010.
- Machado, Cyrillo Volkmar – *Colecção de Memórias relativas às vidas dos pintores e escultores, architectos e gravadores portugueses e dos estrangeiros, que estiveram em Portugal*. Ed. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1922.
- Meira, Avelino Ramos – *Afife. Síntese Monográfica*. Ed. fac-simile Junta de Freguesia de Afife, 2004.
- Mendonça, Isabel Mayer Godinho – *Estuques decorativos em Igrejas de Lisboa - A viagem das formas*. Ed. Nova Terra – Principia, Lisboa, 2009.
- Pereira, Gabriel – *De Bemfica à Quinta do Correio-Mór. Oficina Typographica, Lisboa, 1905* In outrecircunstancias.blogspot.com/.../de-benfica-quinta-do-correio-mor-1905.html
- Puga, Casimiro – *Gerações Afifenses. Os 'Meiras'*. Ed. Fundação Caixa Agrícola do Noroeste, 2013.
- Sequeira, Matos – *Depois do terramoto. Subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*. Vol. IV. Ed. Academia das Ciências de Lisboa, Imprensa da Universidade, Lisboa, 1933.
- Silva, Hélia – Giovanni Grossi e os estuques decorativos da Lisboa Setecentista, in *Estudos*, n.º 10 (2007) ed. IPPAR, Lisboa.
- Vasconcelos, Flório de – Considerações sobre o estuque decorativo, in *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, vol. 5, n.º 2, 1966.